

CEDI P. I. B.

DATA 30/03/94

COU MAD 0037

NOTA DE ESCLARECIMENTO AO PÚBLICO

Em vista dos acontecimentos ocorridos na Maloca do Camararem, Região das Serras, a Igreja de Roraima achou por bem informar ao povo do sucedido para prevenir distorções ou más interpretações.

Desde alguns anos para cá os índios começaram fazer criações em vista da dificuldade de alimentação, e organizar cantinas indígenas para terem mercadorias mais baratas. No começo do ano também Camararem resolveu fazer o seu retiro na área da Maloca. No mês de junho Zélio Mota botou para fora o gado dos índios e colocou no retiro o seu gado. Por sua vez os índios botaram para fora o gado do Zélio Mota recolocando o seu gado no lugar.

Dia 20 de agosto, as 17:00 hs., quatro Policiais do destacamento de Surumú, mais o Zélio Mota e Wilson Bezerra invadiram a Maloca de Camararem. Prenderam o índio Damázio, o puseram no carro e foram para a casa do Tuxaua Domingos. Invadiram a casa, mexeram com tudo e pediram se tinha armas, estando só a esposa do mesmo com as crianças. Um dos policiais disse ser da "Federal". Como o Tuxaua estava trabalhando no retiro, mandaram a esposa a pé, escoltada por dois policiais a chamá-lo. No entanto os outros invasores de carro passaram por ela, chegando primeiro no retiro onde encontraram o índio Cassiano que tomava conta das criações, e queriam forçá-lo a desmanchar a caixara do retiro para que o gado debandasse. Como ele não atendeu, foi preso também.

O Tuxaua tinha ido pescar para a janta. Na volta do retiro avistaram o Tuxaua no rio, chamaram-no e deram ordem de prisão fazendo-o embarcar. Perguntada por um policial porque puseram para fora o gado do Zélio Mota, a esposa do Tuxaua respondeu que aprenderam dele, pois ele no mês de junho pois os gados dos índios para fora por primeiro, para invadir o retiro.

Às 18:30 hs foram para a fazenda Bom Jardim, do senhor Jair Alves dos Reis, levando os presos, que dormiram no chão. No dia seguinte, as 8:00 hs, voltaram no Camararem dois policiais, mais Zélio Mota, Wilson Bezerra e o professor Garneth com os presos. A sogra do tuxaua, índia Mônica, perguntou ao Zélio Mota porque ele queria o retiro dos índios. Ele respondeu que pagava imposto e tinha ordem do delegado da FUNAI. Prometeu que daria carne, leite, e não maltrataria os índios se eles deixassem o retiro. Falou que o tuxaua e os padres de Maturuca são mentirosos e não são daqui, mas da Itália e que um dia vão se pegos. Prometeu trazer mercadorias baratas para a Maloca. Disse para não comprar mais nas cantinas indígenas e ameaçou tocar fogo na casa do retiro. A índia Mônica respondeu que se tinha direito podia tocar fogo; mas Zélio Mota não o fez.

O que se disse "ser da Federal" falou para a esposa do tuxaua que não ligasse com as conversas dos padres e do tuxaua Jaci e não comprasse mais nada nas Cantinas.

Às 10:00 hs foram para o retiro, obrigaram os índios desmanchar o curral e mandaram o preto Doco e o índio deixar o gado da comunidade em Maturuca e avisar o tuxaua Jaci ou o padre Jorge para ir no Camararem.

Enquanto se dava isso na Maloca do Camararem, na Maloca de Maturuca apareceram, sem avisar, dois enfermeiros da FUNAI para dar atendimento médico, os quais tiveram possibilidades de conhecer todos os fatos e controlar as reações da comunidade e da Missão, permanecendo três dias.

O Cabo com outro policial, mais Zélio Mota, Wilson Bezerra e o professor Garneth libertaram o índio Damázio e levaram o tuxaua Domingos e o índio Cassiano para a Fazenda Bom Jardim.

Enquanto isso acontecia os outros dois policiais foram com o Coringa, filho do Dega, no Garimpo para prender os índios Aniceto e Belízio porque tinham trabalhado na construção do retiro, e os levaram também para a Fazenda Bom Jardim. Interrogados pelo Cabo da policia sobre quem mandou construir o retiro, responderam que foi a Comunidade. Por isso foram, com raiva, algemados.

Às 19:00 hs os quatros índios foram levados para o Destacamento de Surumú, onde ficaram presos. Os policiais fizeram eles tirar a roupa e dormir nus no chão.

Domingo, dia 22, pela manhã antes do café, os presos foram batidos pelo sargento e mandados trabalhar até o meio dia, brocando, capinando e carregando lixo. Pela tarde ficaram presos.

Dia 23 trabalharam o dia todo. No dia 24 foram interrogados sobre o retiro e o gado novamente. Recebendo a resposta que o retiro é deles e o gado é do projeto da Igreja para as Comunidades Indígenas, o sargento deu alguns "bolos" no Aniceto e ameaçou que se fizesse novamente o curral miriam ficar presos por muito tempo.

Dia 25, antes de serem liberados, o Sargento juntou os presos e interrogou-os novamente sobre o retiro e o gado querendo que acusassem os padres de terem mandados fazer o retiro. Os presos, por medo das ameaças, dos sofrimentos e pelo cansaço dis serem que sim.

O Tuxaua Domingos falou ao Sargento que antes de fazer o retiro tinha falado com o Delegado da FUNAI e recebido consentimento. O Sargento respondeu que era mentira, que o Delegado não sabia de nada, e que se soubesse o próprio Delegado iria prendê-lo.

Foram soltos dizendo que "sumissem da vista deles e pergassem a estrada de suas casas". Foram embora de pés fazendo mais de cem quilometre, encontrando a Comunidade assustada pelas ameaças dos policiais e fazendeiros da região.

Dia 23 o tuxaua Jaci e a esposa do tuxaua do Camararem vieram a Boa Vista e relataram o acontecido ao Delegado da FUNAI, o qual mandou reconstruir o curral e buscar novamente o gado em Maturuca, através dum recado pela rádio.

Representantes de três Comunidades, no total de 103 homens, em sinal de união e solidariedade, levaram o gado, ajudaram a reconstruir o curral e ficaram guardando o retiro em vista das fofocas e mentiras que foram espalhadas pela região.

Sábado, dia 28, o Advogado da FUNAI com o tuxaua Jaci foi à Maloca do Camararem para fazer um relatório dos fatos.

Dia 31 quatro Capitães do 2º BEEF, com o avião da FAB, foram na Maloca de Maturuca para apurar os fatos e saber do "levante dos índios".

Dia 1º de Setembro chegou outro avião com um Agente da Polícia Federal, um Capitão da PM, o Advogado da FUNAI e outra pessoa não identificada para apurar os fatos tanto na Maloca de Maturuca como na de Camararem. Foram interrogados sobre os acontecimentos tanto os índios como os padres. Em Camararem esta comitiva teve oportunidade de encontrar pessoalmente os índios que foram presos, os quais relataram todos os maus tratos recebidos.

A polícia Federal convidou o padre Jorge e o padre Sabino para virem a Boa Vista depôr sobre os acontecimentos a pedido da FUNAI, como já haviam feito o tuxaua Jaci, a esposa do tuxaua Domingos e o Zélio Mota.

Nesse episódio fica mais uma vez caracterizada a atitude irresponsáveis e proscatória contra os índios e a atividade da Igreja que visa a evangelização dos mais pobres.

Lamentamos profundamente que nessa região de Surumú e Serras, onde a população indígena é mais numerosa, as autoridades da região sejam coniventes com tal opressão.

A Igreja trabalha para defender as vidas, as terras, as personalidades e a dignidade humanas das pessoas mais necessitadas. Por isso todo o cristão deveria colaborar, não com fofocas e calúnias, mas respeitando os direitos e a justiça.

D. Aldo Mongiano, bispo, e padres da Diocese de Roraima.